



2025

Uma projeção do terrorismo na África

Yoslán Silverio González

MEMO
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: 2025: Uma projeção do terrorismo na África
Imagem de capa: Soldado patrulha as ruas da remota cidade de Baga, no estado de Borno, Nigéria, 30 de abril de 2013
[Pius Utomi Ekpei/AFP via Getty Images]

Publicado em fevereiro de 2022.

© Editora MEMO 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

2025: Uma projeção do terrorismo na África

Yoslán Silverio González

Bacharel em História e mestre em História Contemporânea pela Universidade de Havana. Entre 2009 e 2010, trabalhou como pesquisador para o Centro de Estudos sobre África e Oriente Médio. É professor do curso “Conflitos na África” na Universidade de Havana, além da matéria de pós-graduação “África e relações internacionais”.



Nas últimas duas décadas, as relações internacionais foram transformadas pelo impacto do terrorismo, fenômeno que capturou atenção de políticos e acadêmicos em todo o mundo. Dentre as regiões implicadas, estão o Oriente Médio e Norte da África, além da África Subsaariana. O terrorismo é manipulado politicamente por diferentes atores — incluindo potências regionais e ocidentais, como Estados Unidos e Europa — a fim de promover seus próprios interesses e agendas. Por exemplo, no Afeganistão, forças estrangeiras supostamente combatiam a Al-Qaeda e Osama Bin Laden; enquanto isso, favoreciam o avanço do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Daesh), além de células terroristas da região do Sahel, após deflagrar-se a guerra no Mali. O problema do islamismo político e do interesse das potências ocidentais na África e Oriente Médio foi analisada pelo cientista político e economista egípcio-francês Samir Amin (4 de fevereiro de 2013).

Não há consenso entre os especialistas sobre a responsabilidade global diante da emergência e manipulação de atividades terroristas. Os mecanismos de segurança instaurados por Estados Unidos e aliados, incluindo a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que engajaram-se na “busca e captura” de possíveis suspeitos, por um lado, alimentou a islamofobia; por outro, instigou uma nova ascensão do fanatismo entre pequenos setores das comunidades islâmicas. É por essa razão que o terrorismo costuma ser associado ao Islã de maneira — compreensão fundamentalmente equivocada. O modo como se desenvolveram diversos incidentes militares, sociopolíticos e econômicos revelou ainda as intenções estadunidenses de manipular o terrorismo a seu favor.

O estudo do terrorismo demanda não apenas uma investigação detalhada sobre os fatores históricos que levam a tais ações, seu desenvolvimento e sua operacionalidade — via exploração do fundamentalismo, por exemplo —, como também uma análise profunda sobre o comportamento político do fenômeno a curto e médio prazo. O objetivo deste documento é projetar as principais variáveis que podem determinar tendências das ati-

vidades terroristas no continente africano. Com base em um diagnóstico primário sobre a história desses grupos e seu subsequente desenvolvimento, apresentamos eventuais cenários para o terrorismo na região subsaariana até 2025. Há uma série de variáveis econômicas, sociopolíticas, ideológicas, psicológicas, religiosas, culturais e ambientais, relacionadas a interesses internos e externos que podem explicar as tendências do que representa esse problema a todo o continente.

Este documento é dividido em componentes metodológicos e teóricos para explicar o método de prospecção utilizado e algumas ideias sobre como compreender o fenômeno. A segunda parte do trabalho concentra-se em diversos cenários, levando em consideração o desenvolvimento de organizações com a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM), além de grupos associados, como o Boko Haram, nas áreas ao redor do Lago Chade, e o al-Shabaab, no sul da Somália e na fronteira com o Quênia. Concluímos com sugestões para solucionar o problema.

Quadro metodológico: Análise baseada em cenário

A prospecção deste estudo foi conduzida por meio de uma ferramenta metodológica denominada Matriz de Impactos Cruzados – Multiplicação Aplicada a Classificação (MICMAC), criada por Michel Godet em 1971. Este recurso permite determinar influências diretas e indiretas entre variáveis identificáveis. Também torna possível identificar um maior número de relações entre as variáveis em sua totalidade e aquelas potencialmente determinantes. É também importante destacar que este estudo é parte de uma pesquisa abrangente que implementa diversos métodos, não somente derivados da configuração dos cenários, mas também da história, das relações internacionais e das ciências políticas.

Com este propósito, a determinação das variáveis, assim como sua nomenclatura e conceitualização, foi realizada como primeiro estágio.

O segundo passo abarcou a avaliação quantitativa das variáveis identificadas pela matriz de influências potencialmente diretas. Sete variáveis foram detectadas, contendo dimensões distintas a cada matéria. A escolha das variáveis não corresponde necessariamente a uma conceitualização teórica, mas também a elementos considerados para análise e compreendidos separadamente. Nesse processo de identificação, seleção e definição dos termos, um diagnóstico prévio do terrorismo como fenômeno na África Subsaariana foi estabelecido. Tais variáveis servem apenas como sugestão para conduzir a análise e podem ser compreendidas de outras maneiras.

Lista de variáveis (nomenclatura) e descrição

1. Dinâmica do Sistema Internacional (Sistema Internacional):

Compreende fatores geopolíticos e geoeconômicos que impactam o desenvolvimento das atividades terroristas, assim como condições sociais e econômicas que influenciam sua evolução;

2. Nível de Institucionalização (Institucionalização):

Refere-se às estruturas internas dos grupos terroristas, sua capacidade de propagar-se a outras regiões e sua estabilidade organizacional;

3. Nível de Financiamento (Financiamento):

Capacidade de autofinanciamento dos grupos terroristas — coleta de tributos, propinas ou resgate por sequestros —, entre outras fontes de renda resultantes de controle ou contato com redes transnacionais de crime organizado, como tráfico de drogas, de pessoas ou de armamentos. Refere-se também a recursos provenientes de agentes políticos e privados, além da comercialização de produtos ilegais;

4. Capacidade de Recrutamento (Capacidade de Recrutamento):

Nível de manipulação dos fatores ideológicos, incluindo religião, para atrair correligionários à causa, sob meios de imprensa e outros instru-

mentos de radicalização. A capacidade de recrutamento manifesta-se através da troca de informações e apoio a certos setores da população, que identificam-se com os objetivos ou pressupostos dos entes terroristas e consideram sua filiação a tais grupos como meios de subsistência;

5. Liderança (Liderança):

Capacidade de influência de seus líderes individuais e/ou organizações de influência em âmbito local, regional ou internacional;

6. Relacionamento entre Grupos/Organizações (Relações):

Remete à dinâmica dos contatos e relacionamentos entre as entidades em questão ou seu nível de autonomia e dependência através da troca de informações, assistência logística e capacidade de treinar seus próprios membros ou militantes de outras células terroristas;

7. Atos de Violência (Atos de Violência):

Disponibilidade de armamentos, meios de combate e tecnologia militar para execução de atentados e/ou confrontação com forças regulares ou populações civis.

Ao longo de nossa investigação, diversas dificuldades metodológicas emergiram, relacionadas à natureza do fenômeno estudado, ao número de organizações, à variedade geográfica na qual operam ou aos cenários angariados pela própria técnica de prospecção. Surgiram então possibilidades para tratar da questão, como a análise das variáveis para cada organização terrorista, agrupamento em sub-regiões ou uma análise geral do fenômeno. Dentre as três possibilidades, a terceira opção foi escolhida para enfatizar os elementos em comum entre cada região e então indicar tendências gerais a curto prazo. Dessa forma, com os resultados obtidos via MICMAC, os dados coletados foram analisados através das particularidades de cada grupo ou organização terrorista, em meio a seu cenário individual. Nossa matéria foi, portanto, analisada de uma escala geral a um quadro particular, a fim de conjecturar como cada tendência encaixa-

-se ou não nos casos específicos. Tudo isso sugere que os resultados obtidos pós-prospecção nem sempre convergem com a evolução inerente dos grupos ou organizações. Trata-se naturalmente de uma das limitações dessa ferramenta. Apesar disso, os resultados obtidos via MICMAC permitem verificar melhor as principais tendências do terrorismo na África.

Tabela: Matriz de Influências Diretas (MID)

	Sistema internacional	Institucionalização	Financiamento	Capacidade de recrutamento	Liderança	Relações	Atos de violência
Sistema internacional	0	2	3	2	2	3	3
Institucionalização	1	0	3	3	3	2	3
Financiamento	2	3	0	3	3	3	3
Capacidade de recrutamento	2	2	3	0	3	2	3
Liderança	2	3	3	3	0	2	3
Relações	3	1	3	3	3	0	2
Atos de violência	3	3	3	3	3	2	0

Após selecionar as variáveis, o próximo passo é preencher a Matriz de Influências Diretas (MID), que descreve o relacionamento entre as variáveis definidas no sistema. A pontuação varia de zero a três — zero significa nenhum impacto; um é fraco; dois é moderado; e três é forte.

Tais valores foram adotados após uma série de conversas especialistas. Dentre o grupo, cada acadêmico tinha de questionar como uma primeira variável poderia influenciar no elemento seguinte, e assim por diante. Evidentemente, o nível de influência de uma variável sobre si mesma é

zero, razão pela qual há uma linha diagonal preenchida com o número zero. Os especialistas deveriam, portanto, preencher sua própria tabela e então eleger dentre seus pares a melhor representação, processo esquematizado para evitar predominância de uma opinião sobre as outras.

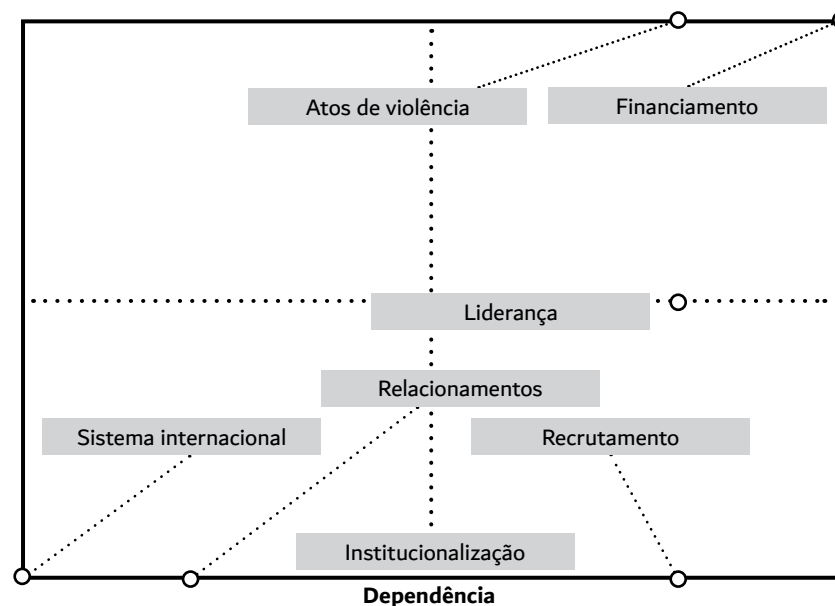


Figura:
Influência direta em potencial/mapa de dependência

O programa MICMAC demonstra ainda um gráfico no qual as variáveis são dispostas em um eixo de influência/dependência, a fim de permitir a análise com base na relação entre as variáveis e sua importância dentro do objeto de estudo. Segundo este gráfico, as variáveis “liderança”, “financiamento” e “atos de violência” — situadas no topo do diagrama — refletem maior impacto sobre a matéria. Isso significa que uma única variável não impõe influência absoluta sobre o sistema, de modo que cada componente é bastante dependente um do outro.

Levando esses resultados em consideração, uma análise de cada inter-relação entre as variáveis foi então proposta, conforme tendências possivelmente apresentadas, no período de cinco anos, pelas três maiores organizações terroristas que operam na região: a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, o Boko Haram e o al-Shabaab. Neste trabalho, apresenta-se apenas uma das múltiplas variantes derivadas da matriz. É importante reafirmar que esse resultado não deve ser interpretado ao pé da letra, pois cada grupo comporta-se de forma particular. Este gráfico é, portanto, somente uma proposta geral compilada segundo valores adotados por especialistas, que pode ser modificada a depender do contexto em questão.

Tabela: Os três principais grupos terroristas na África e suas variáveis correlatas

	Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI)
Dinâmica do Sistema Internacional	Não possui impacto direto na ascensão do AQMI, exceto em certos contextos dos quais se beneficiou, por exemplo, após a intervenção da OTAN na Líbia, em 2011. O desenvolvimento dessa organização, contudo, influenciou bastante a arena política da sub-região.
Nível de Institucionalização	Baixo nível de institucionalização.
Nível de Financiamento	Os recursos são obtidos a partir do controle de redes criminosas transnacionais, sequestro de cidadãos ocidentais e subsequente resgate.
Capacidade de Recrutamento	Baseado sobretudo em fatores econômicos; baixa convicção ideológica dos novos membros.

Liderança	Exercida fundamentalmente por líderes de origem árabe, embora haja surgimento de líderes negros de origem africana, sobretudo nas células menores.
Relacionamento com Grupos/Organizações	<ul style="list-style-type: none"> • Al-Qaeda • Estado Islâmico no Grande Saara (ISGS) • Ansaroul Islam • Movimento por União e Jihad na África Ocidental • Frente de Libertação do Macina • Ansar al-Dine • al-Mourabitum • Frente de Apoio ao Islã e aos Muçulmanos (Jama'at Nusrat al-Islam Wal Muslimin) • Boko Haram
Atos de Violência	Opera na região trans-saariana: Mali, Níger e Burkina Faso. Há aumento de atividades de algumas de suas células na fronteira entre Mali e Burkina Faso. Utilizam carros-bomba, explosivos improvisados, emboscadas, minas terrestres e atentados contra postos de controle.

	Boko Haram
Dinâmica do Sistema Internacional	Não possui impacto direto no desenvolvimento das atividades terroristas.
Nível de Institucionalização	Enfrenta fragmentação e desestruturação, mas o processo não significa o desaparecimento da organização.
Nível de Financiamento	Depende do controle sobre redes internacionais de tráfico — armas, drogas, pessoas e outros recursos provenientes de agentes públicos ou privados.

Capacidade de Recrutamento	Formas de apoio às comunidades foram reduzidas consideravelmente, o que levou ao recrutamento forçado de civis, via sequestro, casamento compulsório e mesmo uso de menores e mulheres como “homens-bomba”.
Liderança	A eliminação física de seus líderes não significa o enfraquecimento do grupo; imediatamente substituídos.
Relacionamento com Grupos/Organizações	<ul style="list-style-type: none"> • Estado Islâmico no Levante e na Síria (Daesh ou ISIS) • Estado Islâmico na África Ocidental (ISWA) • Ansarul — Vanguardas de Proteção aos Muçulmanos da África Negra; grupo que separou-se do próprio Boko Haram, em 2012.
Atos de Violência	Opera na área ao redor do Lago Chade: norte da Nigéria, estado de Borno e países de fronteira. Houve redução de suas operações militares, com perda substancial do controle efetivo sobre territórios e cidades na região.

Al-Shabaab

Dinâmica do Sistema Internacional	A geopolítica do Chifre da África tem influência notável sobre a evolução de suas atividades terroristas, devido às políticas de governo adotadas na região.
Nível de Institucionalização	Carece de estabilidade organizacional e enfrenta graves dificuldades sobre como operar suas próprias estruturas. Não está em posição de exportá-las para além das fronteiras da Somália.
Nível de Financiamento	Obtém recursos de tributos e propinas; também recebe doações da diáspora somali e controla uma série de atividades criminosas transnacionais.

Capacidade de Recrutamento	Caracterizada pela combinação de fatores voluntários e compulsórios. Para muitos, trata-se de uma alternativa de subsistência econômica, ao receber salários, certo status social e até mesmo uma esposa.
Liderança	A capacidade de influência de seus novos líderes é bastante limitada, tanto em nível local quanto regional.
Relacionamento com Grupos/Organizações	<ul style="list-style-type: none"> • Al-Qaeda na Península Árabe (AQAP) Houve redução na sua dependência direta da al-Qaeda; o Daesh criou fissuras internas, mas o al-Shabaab costuma executar aqueles considerados pró-Estado Islâmico.
Atos de Violência	Opera no sul da Somália e na fronteira com o Quênia, contra a Missão da União Africana para a Somália (AMISOM) e forças quenianas nas regiões de Gedo e Médio Juba. Utiliza carros-bomba e explosivos improvisados.

Quadro teórico: Compreendendo o terrorismo

A chamada guerra ao terror é justificada pelas potências ocidentais como um meio de “proteção e resgate” contra atividades terroristas. No entanto, tamanha propaganda omite as verdadeiras causas por trás da ascensão do fenômeno, incluindo pobreza, insegurança e desigualdades sociais, decorrentes de problemas estruturais que assolam o continente africano. O fenômeno começou a afetar países africanos sobretudo nas últimas duas décadas. Regiões como o Chifre da África e o Sahel, que incluem territórios na África Central e Ocidental, tornaram-se áreas de foco para o suposto combate contra o terrorismo, devido a ações extremistas de grupos como o al-Shabaab, desde 2006; a al-Qaeda no Magrebe Islâmico,

desde 2007; e o Movimento para Unidade e Jihad na África Ocidental (MUJAO), desde 2012 — além do Boko Haram, na Nigéria, desde 2009.

A ações desses grupos projetam-se contra instituições governamentais dos países na região, populações civis e interesses estrangeiros, sobretudo europeus. As organizações também executam atos de sabotagem contra propriedades pertencentes a empresas multinacionais e mesmo sequestro de turistas. Cada movimento político-militar que surge na região é quase automaticamente classificado como grupo terrorista, caso não corresponda aos interesses das potências regionais e internacionais.

Esse problema levou à adoção de iniciativas institucionais sob a esfera da Organização das Nações Unidas, que culminou na criação do Comitê de Contraterrorismo, com base nas resoluções 1373 (2001) e 1624 (2005), ambas promulgadas pelo Conselho de Segurança. Seu objetivo era fortalecer a capacidade dos estados-membros de enfrentar atividades terroristas dentro de suas fronteiras e em todas as regiões. O Comitê de Contraterrorismo e sua Diretoria Executiva foram incumbidos de monitorar a implementação das resoluções supracitadas. Nesse contexto, em 2005, a Secretaria-Geral das Nações Unidas estabeleceu a Equipe Especial para Combate ao Terrorismo. Em 8 de setembro do ano seguinte, a Assembleia Geral aprovou também a Estratégia Global contra o Terrorismo. Foi a primeira vez que os estados-membros concordaram em um quadro global para encarar o problema.

Sob os auspícios da ONU e outras entidades intergovernamentais, dezesseis instrumentos legais foram desenvolvidos e aprovados, incluindo onze convenções, quatro protocolos e uma emenda. A maioria desses instrumentos continuam em vigor e constituem um quadro legal para adoção de medidas multilaterais de contraterrorismo, além da criminalização de atos específicos, incluindo sequestro de aeronaves e reféns, ataques a bomba e financiamento¹.

Dessa maneira, as potências ocidentais passaram a categorizar certos países como “patrocinadores” do terrorismo, a fim de justificar a presença internacional e intervir nos assuntos internos de governos que não possuíam a capacidade de lidar com tais grupos. Poderiam ser assim alcançados certos objetivos, por exemplo, como mudanças de governo no Iraque, Afeganistão e Líbia. Da mesma forma, foram esquematizadas listas de organizações consideradas terroristas, que incitaram um debate entre acadêmicos e políticos sobre como definir precisamente o que é o terrorismo.

Para a professora cubana Elsie Plain Rad-Cliff, o terrorismo é a aplicação de violência indiscriminada capaz de estender-se a toda uma população, com alvos eventualmente civis. Suas ações são imprevisíveis e o elemento surpresa dos atentados contribui para instilar pânico e produzir sofrimento deliberado na sociedade, ao atingir pontos mais vulneráveis. Dentre os métodos mais comuns estão: violência física contra civis, tortura, sequestro, execução extrajudicial e desaparecimento. São executados também ataques com aparatos explosivos e outros meios incendiários para destruição de bens públicos e privados (Elsie Plain Rad-Cliff, 2011, p. 101-115). Um terrorista é um indivíduo que age ilegalmente contra a população civil para obter ganhos políticos.

Tudo isso evidentemente complicou-se pelas dezenove convenções e resoluções antiterrorismo adotadas pelo Conselho de Segurança, com exceção das resoluções 1269 (1999) e 1566 (2004), as quais reafirmam que nenhum ato de terrorismo é justificável — não importa sua motivação. Aqui, podemos compreender o quão complexo é determinar o conceito, devido à falta de consenso por parte da comunidade internacional e o fato de que depende de quem o analisa. Esse problema também serviu para escalar conflitos e disputas nas relações internacionais e, ao mesmo tempo, a militarização das matérias, devido ao aumento exponencial dos orçamentos de segurança designados para “enfrentar” ações de grupos hostis aos interesses das potências capitalistas e seus aliados regionais.

A União Africana e suas organizações sub-regionais não ficaram atrás; ao contrário, foram de fato pioneiras na implementação de mecanismos legais para combater o terrorismo. Apenas um ano depois dos atentados executados contra as embaixadas dos Estados Unidos em Nairóbi (Quênia) e Dar Salaam (Tanzânia), na África Oriental, a Organização de Unidade Africana (OUA) adotou, em sua 35ª cúpula realizada em Argel, em julho de 1999, sua Convenção para Prevenção e Combate ao Terrorismo. O documento tornou-se um marco histórico, como a primeira peça legislativa para abordar a questão.

A conferência de 1999 resultou ainda no Protocolo da OUA para prevenção e combate ao terrorismo. Os próximos passos evidenciaram então o árduo compromisso africano em enfrentar o problema, como destacado na cúpula sediada pelo Senegal em outubro de 2001, na qual foi adotada a Declaração de Dakar de Combate ao Terrorismo. Em seguida, o Plano de Ação para Prevenção e Combate ao Terrorismo foi ainda aprovado, durante um evento intergovernamental de alto escalão radicado na Argélia, em setembro de 2002. No mesmo ano, a recém-criada União Africana assumiu este plano e instaurou então o chamado Conselho de Paz e Segurança, como órgão executivo para solucionar conflitos. O aparato institucional para combater o terrorismo foi amplamente fortalecido. Um passo importante foi também a criação do Centro Africano para Estudo e Pesquisa sobre o Terrorismo (CAEPT), instalado na capital argelina.

Neste documento, adotaremos o conceito de terrorismo aprovado pela OUA em 1999, que constitui o primeiro instrumento para compreender o fenômeno na região. Este princípio é também utilizado pela União Africana desde sua concepção, em 2002. A principal contribuição deste conceito é a vasta definição de terrorismo sem o componente islâmico como determinante e a diferenciação entre atos terroristas e ações conduzidas por grupos que lutam por sua autodeterminação. Segundo a Convenção para Prevenção e Combate ao Terrorismo, um ato terrorista equivale a:

“Qualquer ato que viole leis penais de qualquer estado-membro e que possam ameaçar a vida, integridade física ou liberdade de qualquer número ou grupo de pessoas; causar danos substanciais a propriedades públicas ou privadas, recursos naturais, meio ambiente e/ou patrimônio cultural — com objetivo de: intimidar, instigar medo, coagir ou induzir governos, órgãos, instituições e/ou nichos ou todo o público, a fazer algo ou omitir-se; adotar ou abandonar uma postura específica; prejudicar serviços públicos ou entrega de bens essenciais; criar situações de emergência; ou incitar insurreições de estado” (Convenção para Prevenção e Combate ao Terrorismo, OUA, 1999, p. 2 e 3)

Uma definição exata do que caracteriza as ações dos grupos que operam no continente africano é fornecida pelo estudioso espanhol Fernando Reinares, ao descrever assim o terrorismo transnacional: “Aquele que, de uma forma ou outra, atravessa fronteiras de estado, basicamente porque aqueles que o executam mantêm estruturas organizacionais ou desenvolvem atividades violentas em mais de um país, frequentemente incluindo territórios nos quais as autoridades carecem de qualquer jurisdição (...) Esses atos de violência envolvem mais de um país e cidadãos de duas ou mais nacionalidades, tanto em termos da própria prática terrorista quanto suas vítimas”. (Fernando Reinares, 2005, p. 48)

Terrorismo na África: Tendências futuras

O terrorismo na África Subsaariana é muito distinto do fenômeno no Oriente Médio. Nesse sentido, as variantes mais radicalizadas foram concebidas como agentes estrangeiros, exógenos à África; portanto, em boa parte rechaçados pela população e restritos a certas regiões, com pouca ou nenhuma capilaridade, senão pelo uso da força. Dessa maneira, não é possível que certas células da República Democrática do Congo e do norte de Moçambique intensifiquem suas operações militares. Vale observar que um elemento distintivo entre organizações extremistas que operam

no Oriente Médio e na África Subsaariana é o fato de que as entidades africanas não eram, a princípio, necessariamente terroristas.

Grupos como o Boko Haram e al-Shabaab se reuniram inicialmente para expressar demandas políticas e socioeconômicas e então se radicalizaram. No caso da al-Qaeda no Magrebe Islâmico, seus ramos saarianos eram controlados por árabes argelinos e negros africanos excluídos de um papel de liderança em seus respectivos países, embora a situação tenha começado a mudar, alguns anos depois (Filiu, Jean Pierre, 2012; Furuhashi, Yoshie, 2012). A AQMI apresentou, portanto, como uma entidade não-genuína operante na região subsaariana, o que deixou divergências entre as diferentes facções ou katibas. Entre outras singularidades, está o fato de que tais grupos não são financiados pelas potências ocidentais ou por governos regionais, como costuma ocorrer no Oriente Médio. Seu proeminente caráter étnico também um fator que restringiu a propagação de tais redes a outras áreas.

Al-Qaeda do Magrebe Islâmico: Terrorismo transaariano

O quão permanentes serão as atividades terroristas em 2025 é algo bastante específico à zona Sahel-Saara. Embora tentativas de estabilização institucional — como na Argélia, no Mali e no Níger — possam angariar algum reconhecimento ou mesmo resultados, a autonomia relativa dessa organização sugere que a instabilidade continuará como condição desejada pelos grupos que detêm controle sobre as zonas mais vulneráveis.

É impossível negar o impacto tradicional das dinâmicas do sistema internacional ao problema, mesmo na África Subsaariana. Todavia, não há impacto direto das forças estrangeiras na ascensão da al-Qaeda do Magrebe Islâmico, salvo em contextos favoráveis, como a intervenção da OTAN no território líbio em 2011 (Amin, Samir. Mali, 4 de fevereiro de 2013). Nesse sentido, as realidades políticas na sub-região influenciaram

o desenvolvimento da organização, devido a coordenação — ora maior, ora menor — entre os governos regionais que poderiam fortalecê-la ou enfraquecê-la. Caso as políticas atuais da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental sejam mantidas, o cenário possível levará a uma redução substancial da al-Qaeda do Magrebe Islâmico. Por outro lado, relações com diferentes entes terroristas que operam sob sua tutela permanecerão difusas. Contudo, a maior fragmentação vivenciada pela organização nos últimos anos corresponde a uma estratégia então adotada do que um fenômeno de enfraquecimento a priori, dado que a constante reformulação de suas forças internas impede sua erradicação efetiva.

Dessa forma, a organização continuará a liderar uma rede de células terroristas cada vez mais ampla e volátil, que opera na vasta região transaariana. Em troca, manterá a linha estabelecida pela al-Qaeda, enquanto se aprofunda a divisão entre os líderes remanescentes do Daesh. Apenas nesse sentido, podemos compreender como sua escala de institucionalização e liderança age como uma série de variáveis com enorme influência do avanço do terrorismo na região do Sahel.

A liderança do grupo, não obstante, é dispersa, dado que a organização sobrevive fragmentada. A maioria dos membros são de origem árabe, embora haja um aumento na emergência de líderes negros de raízes africanas, sobretudo nas células menores. Essa fragmentação não deve ser confundida com um baixo nível de institucionalização, dado que cada uma das células continua a responder ao comando central radicado nas montanhas argelinas de Cabília (Oumar, Jemal e Bakari Gueye, 2013).

Da mesma forma, sua capacidade de recrutamento tem pouco impacto. As unidades que compõem a entidade parecem subordinar a filiação a necessidades de expandir seu contingente, como resultado das ofensivas militares lançadas pelos governos regionais, que certamente afetaram suas atividades. O recrutamento depende mais de fatores econômicos do que de qualquer convicção ideológica. Isso significa que o Islã — ao con-

trário da crença popular — não é um fator primordial para a cooptação de novos membros. As crises socioeconômicas permanecem como a principal razão pela qual novos recrutas aproximam-se do grupo, como forma de “trabalho” e para obter “renda”, por meio de suas relações com entidades transnacionais de crime organizado.

Boko Haram: Terrorismo no Lago Chade

O ambiente de segurança na área do Sahel deve continuar bastante instável no ano de 2025, devido a ações contínuas de grupos terroristas, cuja maioria se reconfigurou devido às implicações diretas ou indiretas de políticas adotadas na região. Um dos pontos centrais continuará a ser a zona em torno do Lago Chade, com epicentro no norte da Nigéria e ramificações específicas aos países de fronteira. No caso do Sahel, a dinâmica do sistema internacional não tem influência direta no desenvolvimento das atividades terroristas, pois abordar a questão não é prioridade para as potências ocidentais — apesar da retórica francesa e estadunidense de contundente “guerra ao terror”.

Embora prevaleçam as adversidades socioeconômicas na região, essa variável tampouco apresenta impacto direto no desenvolvimento da questão, pois as populações locais rejeitam as operações do grupo, devido a repercussões negativas vivenciadas nos últimos anos. Esse contexto econômico não permite ao Boko Haram estender seu território ou propagar sua retórica política “antissistema”. Seu apoio entre a sociedade é consideravelmente reduzido, pois suas operações não são capazes de suprir as demandas da população local. O discurso de seus líderes falhou em angariar novos seguidores, salvo através de coerção.

Nesse sentido, a matriz demonstrou que a capacidade de recrutamento do grupo é um variável de grande dependência, que traduz na necessidade de recorrer a recrutamento compulsório da população civil, via sequestro², matrimônio forçado ou mesmo uso de mulheres³ e crianças⁴

como “homens-bomba”. Sua incapacidade de recrutar está também relacionada com a queda exponencial de seu apoio popular, como mencionado acima. Não obstante, o grupo manterá a tática de recrutamento compulsório, o que terá um impacto direto da evolução do terrorismo. O uso de mercenários, alimentados por fatores externos como forma de penetrar em células menores, não é uma prática frequentemente adotada pelo Boko Haram, tampouco o uso de tecnologias de comunicação e informação para fomentar o fanatismo religioso ou robustecer o “apoio” de outros setores da população. As bases sociais abrangentes que integram a organização foram desmanteladas com o tempo, de modo que o Boko Haram já não possui as mesmas características que desfrutou em seus primeiros anos.

A matriz demonstrou ainda que as relações entre os grupos e o nível de institucionalização são variáveis autônomas, que possuem uma influência indireta no desenvolvimento do terrorismo, sobretudo em termos estruturais. Isso explica-se pelo fato de que, na maioria dos casos de fragmentação ou desarticulação, torna-se mais e mais difícil implementar políticas precisas para erradicar as entidades em questão. Essa fragmentação interna — da qual o Boko Haram efetivamente apropriou-se — corresponde também a uma estratégia e não somente sinal de seu enfraquecimento.

Os vínculos entre o Boko Haram, o Estado Islâmico e a al-Qaeda do Magrebe Islâmico não são eficazes em termos de troca de informações, apoio logístico e capacidade de treinamento. Portanto, não constituem qualquer garantia de sucesso de suas ações. Isso reafirma a tendência de que, diante de uma maior desestruturação institucional do grupo, tais relacionamentos deverão se desvanecer ainda mais, reduzidos meramente ao campo retórico. As diferentes células que compõem o Boko Haram chegaram a um maior nível de autonomia, que levou à “desintegração”⁵ do grupo. Este processo, no entanto, não significa seu desaparecimento.

A dispersão das células terroristas impede o controle sobre o grupo. Segundo o professor nigeriano Kyari Mohammed, do estado de Adamawa, o Boko Haram é um aglomerado de facções que opera sob uma única bandeira e suas fraturas internas correspondem a suas respectivas formas de atuação (Hilary Matfess, 2016, p.1). Essa tendência deve prosseguir, de modo que sua “faccionalização” deve afetar negativamente a possibilidade de erradicá-lo por completo. Isso se deve ao fato de que a emergência de grupos rivais também implica em confrontações diretas, para além do enfrentamento com as forças regulares, o que dificulta qualquer eventual processo de negociação. Hilary Matfess, pesquisadora estadunidense sobre questões de governança e segurança na África Subsaariana, apresenta três cenários possíveis relacionados ao processo de dissidência interna do Boko Haram:

1. Violência entre as facções (Shekau versus Barnawi). Contrário ao pensamento comum, tais contradições não significam fim da “insurgência”, mas sim confrontos mais letais que envolvem a população civil;
2. Maior divisão antes de sua absoluta eliminação. Este cenário é o destino assumido pelo grupo Ansarul — Vanguardas de Proteção aos Muçulmanos da África Negra, que separou-se do Boko Haram em 2012. Em abril de 2016, o governo nigeriano anunciou a captura de Khalid al-Barnawi (Watkinson, W., 2016, p. 1), após anos e anos sem operações terroristas de larga escala, o que sugeriu a muitos observadores o fim das atividades.
3. Coexistência e dualidade das insurgências terroristas. Neste cenário, uma facção vinculada ao Estado Islâmico consolida-se estruturalmente e desenvolve capacidades de executar missões militares e atentados terroristas (Hilary Matfess, ob. cit., p. 1).

Diante dessas possibilidades, no entanto, a ideia de fragmentação e reconfiguração do próprio Boko Haram, assim como as células ou facções

relacionadas ao grupo, continua presente. Nenhuma das três hipóteses sugere o fim das operações terroristas ao redor do Lago Chade. Portanto, prevalece o problema de segurança na região.

O nível de institucionalização — compreendido como o funcionamento adequado das estruturas internas e estabilidade organizacional — é uma variável com laços bastante próximos ao financiamento do grupo, pois este permite ou não a criação de novas estruturas ou o fortalecimento dos mecanismos vigentes. Embora sua liderança tenha conseguido reverter tamanho processo de regressão, em termos organizacionais, essa variável não tem forte influência na evolução do terrorismo, pois a institucionalização per se não é capaz de assegurar o sucesso. Da mesma forma, o Boko Haram não tem capacidade de exportar suas estruturas ou expandir sua rede de operações a outras regiões além dos espaços tradicionais.

A tendência em termos de financiamento das atividades terroristas no Sahel aponta para a continuidade da dependência dos grupos sobre redes de tráfico de drogas, pessoas ou armamentos. No caso do Boko Haram, seus recursos foram reduzidos para manter suas capacidades logística e militar — o que não significa, porém, uma presente impossibilidade de “autogestão”⁶. Recursos provenientes de agentes políticos e privados, relacionados a suas táticas, não são tão altos como no princípio. Essa situação também terá repercussões na redução do recrutamento ou aumento nas deserções — processo que já está em curso, auxiliado por medidas adotadas pelas autoridades⁷.

A habilidade de seus líderes de influenciar a conjuntura e a população é outra variável que depende do carisma particular dos comandantes faccionários. Caso esse componente prevaleça, a liderança do Boko Haram manterá influência no desenvolvimento do grupo, apesar de lutas internas de interesse que resultam de opiniões pessoais. Portanto, a liderança é exercida em níveis distintos. Por exemplo, em âmbito local, é bastante reduzida; em âmbito regional e internacional, praticamente inexistente,

apesar da publicação de vídeos que registram operações e buscam postular seu programa político. Ao mesmo tempo, há contradições veementes entre os líderes das diversas facções. A eliminação física desses comandantes, não obstante, não significa o enfraquecimento do grupo, dado que são substituídos quase imediatamente.

Os atos de violência dependem das capacidades militares do grupo e possuem impacto considerável em seu posicionamento — controle de áreas e aldeias. No que se refere ao Boko Haram, a redução das operações militares e a perda de controle efetivo de diversos territórios continuará a avançar. O grupo manterá a tendência de recuo e dispersão. No futuro próximo, deve perder sua capacidade de enfrentar diretamente as forças regulares da Nigéria⁸ e outros exércitos locais dos países vizinhos, como Camarões e Níger⁹. Também perderá sua habilidade de executar missões de larga escala em áreas recuperadas pelas tropas nacionais.

Essa situação levou o Boko Haram a escalar seus ataques contra alvos fáceis — como civis —, por meio de atentados suicidas, sem confrontação direta com as forças regulares. Dessa maneira, podemos argumentar que as ofensivas militares dos governos locais reduziram a capacidade do Boko Haram de executar atos convencionais armados contra agentes de segurança. A internacionalização de suas ações é cada vez menor e mais esporádica — evidência de seu abrangente recuo. Apesar disso e do inevitável processo de fragmentação interna, o grupo terrorista detém ainda seu poderio militar.

Al-Shabaab: Terrorismo no Chifre da África

Até 2025, o Chifre da África continuará sob ameaça terrorista da organização somali al-Shabaab. Os países mais afetados são Somália, onde concentra-se o grosso da entidade, e Quênia, um de seus principais alvos. A situação na Etiópia, Djibouti e Eritreia é substancialmente distinta. Contudo, no caso etíope, apesar do presente hiato nas ações terroristas

do al-Shabaab, o grupo prevalece como problema considerável à segurança nacional. O ambiente geopolítico da sub-região continuará a sofrer terrorismo e subsequente instabilidade.

De forma similar, a geopolítica regional manterá uma influência considerável na evolução do terrorismo, pois as ações dos governos locais contribuem, por um lado, com a erradicação gradual do al-Shabaab; por outro, com a “legitimação” de seu discurso de combate a interferências externas. Uma das ideologias promovidas pelo al-Shabaab é a “luta” contra tropas estrangeiras, incluindo Etiópia e Quênia, que fazem parte da Missão da União Africana para a Somália (AMISOM). Portanto, contrário ao resultado obtido pela matriz sobre a conjuntura internacional, a dinâmica da política sub-regional é de fundamental importância para a evolução das atividades terroristas.

Algo característico desse tipo de grupo é “jurar” aliança a organizações maiores, como a al-Qaeda ou o Estado Islâmico. No entanto, em 2025, as relações do al-Shabaab com a al-Qaeda não serão sólidas o suficiente para ampliar sua projeção geográfica. A própria al-Qaeda enfrenta um período de crise institucional e sofreu perdas na liderança, que afetaram negativamente sua capacidade de reunir outros grupos como a entidade somali. A dependência do al-Shabaab em relação à al-Qaeda, portanto, foi bastante reduzida, assim como sua habilidade de trocar informações, obter apoio logístico e treinar membros e células no exterior. As relações com a al-Qaeda da Península Árabe (AQAP) se estagnaram, sobretudo em termos de apoio recíproco para capacitar seus militantes — como feito no passado.

Laços com outros grupos ou organizações são igualmente frágeis, precisamente devido ao declínio das operações terroristas na região. O Estado Islâmico jamais conseguiu incorporar o al-Shabaab a seu eixo de influência, mas criou fissuras internas¹⁰. Nesse sentido, o al-Shabaab foi forçado a conquistar um maior grau de autonomia em termos de “estratégia”, como

única forma de promover seu programa político e não dar a impressão de ser excluído ou marginalizado pela vasta rede de atividades criminosas.

Há evidências de que há alguma concentração de apoiadores do Estado Islâmico no sul da Somália, mas o controle exercido pelo al-Shabaab implica que tais correligionários não manifestam abertamente suas preferências. Por outro lado, isso sugere o fracasso do ente somali em neutralizar o apoio ao grupo rival mesmo dentro de sua organização. Para tanto, o “serviço secreto” do al-Shabaab (amniyat) busca “prender” membros do grupo suspeitos de qualquer inclinação ao Estado Islâmico. A “agência” executa trabalhos de inteligência por meio de uma rede de apoiadores, informantes e espiões espalhados por todo o país. Há ainda alguma infiltração nas instituições de governo, além do próprio Exército Nacional da Somália (ENS). (Serviço de Imigração da Dinamarca, 2017, p. 10).

Para além das prisões, o al-Shabaab executou indivíduos acusados de apoiarem o Estado Islâmico¹¹. Não há como antever se essa facção continuará a crescer, tampouco há informações precisas sobre o número de seus apoiadores. Como costuma ser, os vínculos com o Estado Islâmico no Oriente Médio não são diretos, mas sim parte de uma retórica para atrair atenção internacional. Essa incapacidade de projetar-se internacionalmente também é um reflexo dos problemas internos do grupo. O al-Shabaab continua a vivenciar dificuldades em seu funcionamento administrativo, devido a disputas de liderança sobre estratégias, métodos e objetivos. A organização não está em posição de exportar tais estruturas para além da Somália, devido a políticas adotadas pelos principais agentes regionais no combate ao terrorismo: Etiópia e Quênia. Na fronteira queniana, sob grande presença de refugiados somalis, foram estabelecidas pequenas células e redes de apoio; contudo, com pouquíssima expressividade. Como consequência, o grupo não tem qualquer estabilidade organizacional, o que é evidente pela constante troca de seus comandantes — alguns dos quais erradicados por drones militares executados pelos Estados Unidos e operações da AMISOM¹².

Um dos problemas enfrentados pelo al-Shabaab é o número de deserções entre militantes jovens, como parte do crescente descontentamento com a liderança — com destaque para os chamados combatentes estrangeiros. O grupo precisa desses membros para reunir maior legitimidade em sua luta “jihadista” (Kriel, R. e Duggan, B., 2017, p. 1). Aqueles que deixam o grupo também o fazem sob anistia, implementada pelo governo somali para desmantelar a entidade terrorista¹³. Entretanto, o grupo costuma retaliar contra desertores¹⁴. O processo de institucionalização do país, após as eleições de 2012 e 2016, também reduziu consideravelmente o contingente do al-Shabaab¹⁵. Isso também contribuirá para a consolidação de autoridades locais e regionais.

É importante considerar a complexidade do contexto tribal sobre o quadro de afetos e alianças. Em sua rede de apoio, o al-Shabaab possui relações com chefes de clãs minoritários e suas respectivas milícias, principalmente na porção sul do país. Tais vínculos permitem ao grupo avançar e obter certo recrutamento e abastecimento. Ao mesmo tempo, há milícias opostas à sua presença militar; elemento, portanto, a ser considerado para cada região e que deve modificar-se ao longo do tempo. Há indícios de que as contradições entre tais agentes não serão erradicadas a curto prazo e que agirão também como elemento para frustrar a integração do grupo em certas regiões, embora sua força militar continue superior às milícias locais.

A matriz indicou ainda que sua liderança é uma variável importante, devido aos níveis de influência. No caso específico do al-Shabaab, é preciso dizer que a capilaridade de seus novos líderes é bastante debilitada, tanto em âmbito local quanto regional. Isso se traduz em sua incapacidade de servir como “referência” a organizações menores. No nível internacional, não há qualquer impacto, dado que seu arsenal é incapaz de executar ações para além de suas fronteiras regionais. Dessa forma, a redução na liderança tem um impacto positivo na queda no grupo a curto e médio prazo; mais apoio, tem apoio substancial de setores da população.

Ainda assim, o al-Shabaab desfruta de certa base social e muitas pessoas consideram sua filiação como meio de subsistência. Grande parte das comunidades rurais sob seu controle “preferem” a segurança oferecida pelo grupo, dado que é capaz de “organizar” estruturas sociais conforme suas próprias ideias, sem depender das prerrogativas legais fornecidas pelas autoridades regionais ou federais. O nível de coerção que o grupo exerce nessas áreas é, portanto, fundamental para a nossa prospecção. Isso se relaciona ao processo de recrutamento, o qual se caracteriza pela combinação de fatores voluntários e compulsórios. Uma redução na liderança não implica necessariamente uma queda em suas capacidades de recrutamento. As adversidades socioeconômicas na Somália — onde 64% da população entre 14 e 29 anos está desempregada — é tanto exacerbada pelas ações do al-Shabaab quanto atrai novos correligionários à sua causa¹⁶.

A manipulação de fatores ideológicos, incluindo religião, por meio do uso de uma rede de propaganda e disseminação bem estruturada — rádio, redes sociais, internet e outras mídias¹⁷ — são eficientes no recrutamento de novos combatentes. Dentre os incentivos para a filiação de novos membros, está a remuneração, um relativo status social e mesmo matrimônio. Outros métodos de recrutamento ocorrem nas mesquitas e via rivalidades tribais. O al-Shabaab utiliza tais antagonismos para integrar membros de clãs minoritários sob a promessa de melhores condições (South and Central Somalia Security Situation, Al-Shabaab Presence, and Target Groups. ob. cit., p. 20).

O recrutamento forçado permanecerá característico de áreas sob controle absoluto do al-Shabaab. Caso uma pessoa se recuse a prestar serviço, tem de pagar “indenização”, além de outras consequências negativas. A organização também utiliza crianças como combatentes. Em 2014, relatos surgiram de que o al-Shabaab mantinha ao menos 437 soldados menores de idade; em 2015, eram 555 crianças. No ano seguinte, o índice saltou a 1.560 casos registrados (Ibid, p. 21). A idade média para o recru-

tamento varia entre 14 e 25 anos. O al-Shabaab continua ainda a cooptar mulheres para trabalhos de logística, além de matrimônio, coleta de informações e mesmo atentados suicidas, devido à sua mobilidade comunitária (Ibid, p.22).

O financiamento ainda é a variável mais influente no sistema, para a manutenção dos grupos e seus respectivos programas. O mecanismo de autofinanciamento do al-Shabaab opera ao coletar tributos e propinas. Da mesma forma, continua receber “doações” da diáspora somali ou daqueles envolvidos em atividades criminosas transnacionais — tráfico de drogas e de armas. O sistema de financiamento do grupo é efetuado por meio de um sistema tributário e cortes de sharia. O mecanismo de coleta é parte da ordem administrativa da região, considerado por muitos como “mais justo” do que o pagamento de impostos ao governo. Ao mesmo tempo, o al-Shabaab materializou certo sistema judiciário próprio por meio da sharia, na lacuna deixada pela justiça de seu país. Muitos cidadãos preferem recorrer aos “tribunais” do grupo quando insatisfeitos com uma decisão promulgada pelas cortes seculares do governo (Ibid, p. 11).

Apesar de seus problemas organizacionais, o grupo ainda detém armas, meios de combate e mesmo tecnologia militar para conduzir atividades terroristas em âmbito local e enfrentar o exército regular, tropas da AMISOM ou milícias regionalizadas. Suas missões militares continuam focadas em atacar instalações da intervenção do bloco africano, além de bases e comboios do exército queniano, sobretudo nas províncias de Gedo e Médio Juba (BBC, 2017). Suas operações incluem o assassinato de líderes políticos, locais e tribais — incluindo anciãos favoráveis ao governo, que possuem vasta influência nas comunidades. Parte dos atentados contra a população civil servem de represália pela “colaboração” com os combatentes estrangeiros. Nesse contexto, quando uma aldeia ou área é recapturada pelo exército somali, pelo bloco africano ou pelas Forças de Defesa Nacional da Etiópia (FDNE), torna-se alvo veemente do al-Shabaab (South and Central Somalia Security Situation, Al-Shabaab

Presence, and Target Groups, ob. cit., p. 20). Trata-se ainda de um fator que influencia o apoio ao grupo em certas áreas, nas quais são vistos como “avalistas” da situação de segurança.

Seu modus operandi será preservado via carros-bomba, explosivos improvisados, emboscadas, minas terrestres e ataques contra postos de controle instalados nas estradas do país¹⁸, além de instalações hoteleiras e prédios públicos. Em geral, o grupo continuará a evitar o confronto direto com as tropas federais e buscará, portanto, manter sua guerrilha assimétrica — sobretudo nos arredores do Quênia, junto à fronteira com a Somália¹⁹.

Após um período de clara retirada do grupo, a tendência sugere que o al-Shabaab continuará a ganhar terreno nas áreas do centro-sul do país²⁰, em uma guerra declarada com forças da AMISOM e do exército nacional. Dessa forma, a presença da organização terrorista na região deverá consolidar-se, apesar das operações de paz conduzidas pelas forças da União Africana, que controlam apenas algumas poucas áreas durante o dia, enquanto o al-Shabaab move-se livremente durante a noite. É difícil prever exatamente a situação militar devido ao número de avanços e reverses sofridos por todas as partes, além da captura de cidades e aldeias e confrontos entre milícias e clãs que rivalizam com o al-Shabaab, por exemplo, nas regiões de Baixo Shabelle e Jubaland.

A situação de segurança em Mogadishu continua a se deteriorar. Embora o grupo terrorista não consiga reaver o controle da cidade e estabelecer bases militares, sua ameaça a ruas e instalações públicas permanece constante. A maioria dos ataques concentra-se na capital da Somália. Apesar de sua “expulsão” do perímetro, o al-Shabaab ainda tem a capacidade de coletar tributos e participar de disputas legais.

A organização detém controle das áreas rurais de Baixo Juba e das áreas urbanas de Jubaland. Enquanto isso, o porto estratégico de Kismayo é administrado pela União Africana e tropas federais. Na província de

Médio Juba, o al-Shabaab mantém controle sobre todo o território. Na região de Hiran, assolada por confrontos entre diferentes clãs, o grupo é menos ativo. Na região da baía, o principal centro urbano, Baidoa, é controlado pela União Africana e pelas forças nacionais. Em Galmudug, a situação é menos nítida, devido ao número de agentes envolvidos: as Forças Regionais de Galmudug, o al-Shabaab e o grupo paramilitar Ahlu Sunna Wal Jama (ASWJ). Na região de Mudug, há confrontos com forças locais (South and Central Somalia Security Situation, Al-Shabaab Presence, and Target Groups, ob. cit., p.11- 16). Em geral, a situação de segurança não melhorou, mas a instabilidade não pode ser atribuída apenas às ações do al-Shabaab, pois há outras milícias que lutam por terra e poderes políticos.

Conclusão

Apesar do aumento nas atividades terroristas na região de fronteira entre Burkina Faso, Mali e Níger, a disputa territorial sobre o fenômeno deve se enfraquecer a curto prazo, além de sua predominância e mobilidade na África Subsaariana. Podemos antever que, em 2025, haverá uma redução drástica na capacidade operacional e nas áreas de atuação de tais grupos, caso as políticas hoje implementadas pela União Africana sejam preservadas. Tudo parece indicar que a ofensiva internacional conjunta conduzida dentro do contexto de combate ao terrorismo force as entidades em questão a executar ataques de maneira mais encoberta. Dessa forma, devemos testemunhar seu despejo sistemático das áreas que ocupam. Isso forçará tais grupos a reorganizar suas táticas e estratégias ou mesmo seccionar-se em facções menores e menos concentradas em um mesmo território, o que reduzirá, em contrapartida, seu poderio militar e sua capacidade de executar ações a céu aberto.

Em termos de liderança, a eliminação dos “emires” afeta a estrutura interna das organizações terroristas, de modo que novas personalidades provenientes de baixo — embora recrutadas pelo alto escalão — podem

criar considerável atrito interno nas mobilizações. Os líderes treinados para exercer o poder, todavia, têm pouco carisma ou mesmo influência política e religiosa, o que afetará drasticamente sua “legitimidade”.

A institucionalização dos grupos estudados não representa uma variável decisiva para a evolução do terrorismo, pois tratam-se, em primeiro lugar, mais de uma declaração de princípios comuns entre estruturas dispersas do que uma colaboração em termos práticos. Isso se influencia pela separação geográfica que existe entre as zonas em questão. Em segundo momento, o enfraquecimento das instituições pode contribuir para uma dispersão exponencial das estruturas, o que dificulta sua erradicação por completo. Organizações terroristas internacionais como o Estado Islâmico e al-Qaeda continuam a rivalizar entre si no continente africano, para conquistar supremacia sobre grupos diversos, sejam eles filiados ou não.

Tais antagonismos se manifestam no domínio ideológico, territorial e de propaganda. Isso resultará em uma constante reformulação das alianças entre as organizações, além da faccionalização. Embora o relacionamento entre as partes comece a apresentar fissuras, isso não ultrapassa ainda o campo retórico. A distância geográfica e medidas de contraterrorismo impedem efetivamente o contato entre os grupos, além da modelação de estratégias para conduzir operações táticas em parceria de maior impacto. As organizações enfrentam também problemas financeiros que dificultam a capilaridade de seu apoio logístico a uma vasta rede de células divergentes que operam na África, com as quais muitas delas perderam contato. Nesse sentido, a influência do Estado Islâmico na região se enfraqueceu; no entanto, células relacionadas continuam a agir na região do Sahel.

Homenagens a al-Qaeda e Estado Islâmico, entre outras entidades terroristas internacionais, tornou-se ainda uma outra tática dos líderes locais pouco influentes, que buscam romper relações com sua hierarquia ime-

diata e, portanto, conquistar maior legitimidade internacional ao utilizar a imprensa para atrair atenção à sua própria liderança. Conforme o comportamento das diferentes organizações terroristas, podemos observar que o relacionamento estabelecido entre elas não é fundamentalmente positivo, razão pela qual há cada vez menos cooperação.

Tais grupos avançam em direção a uma recomposição de suas alianças e influências, devido a uma série de retrocessos sofridos nos campos da luta armada e da propaganda. Apesar dos poucos vínculos que compartilham entre si, as organizações mantêm uma grau aparente de autonomia e capacidade militar para preservar sua agenda política por meio da força e para resistir às medidas de contraterrorismo empregadas pela comunidade internacional. Uma política externa de dois pesos e duas medidas, adotada por algumas potências, sobre a questão, além de posições antagônicas sobre como erradicar o terrorismo, tendem ainda a trabalhar em favor das entidades terroristas.

A variável mais influente — portanto, com maior carga de dependência — é então o grau de financiamento e a capacidade das entidades de atrair novos recursos para comprar armamentos e tecnologia militar e executar seus atentados. O nível de financiamento obtido por tais organizações depende de mecanismos de segurança de seus respectivos países. Não obstante, suas capacidades de angariar recursos através do crime organizado continuarão como uma das principais vias de financiamento das atividades terroristas. Em particular, grupos que operam no corredor trans-saariano estão entre aqueles que mais dependem das redes de contrabando. Por essa razão, uma das medidas com maior potencial preventivo é justamente secar todas as fontes de recursos destinados aos grupos terroristas.

Sobre o fracasso progressivo das operações da al-Qaeda, a situação é razoavelmente diferente, devido a mais de uma década de atrito com forças argelinas que lideram o combate o terrorismo na sub-região, além

de tropas especiais e agências de segurança que eliminaram sistematicamente suas células terroristas. Dessa forma, a al-Qaeda do Magrebe Islâmico tem de sobreviver como a entidade mais dispersa, dado que todas as forças nacionais, regionais e internacionais buscam capturar seus combatentes. A organização tornou-se então mais e mais descentralizada e integrada a outras facções. Carece ainda de um quartel-general fixo e tem de se mover constantemente devido às operações militares.

No restante da área, o Boko Haram permanece como o principal agente terrorista em comparação com outros grupos que agem quase autonomamente no norte do Mali e Níger. No entanto, carece de estruturas institucionais. No Chifre da África e na porção oriental do continente, a entidade somali al-Shabaab representa a principal ameaça à segurança e estabilidade na região. O grupo possui controle majoritário na região centro-sul da Somália e manterá ações contra forças regionais presentes militarmente no país. Os condados quenianos de Garissa, Dabaab, Wajir e Mandera representam os alvos preferenciais das atividades transfronteiriças do al-Shabaab. (Cummings, R. 2017, p. 1).

As tendências sugerem queda nas atividades violentas dos grupos terroristas na África Subsaariana, o que ser verificado pela redução no número de vítimas civis²¹, além da baixa intensidade e natureza sistêmica dos atentados. Entretanto, o Boko Haram e o al-Shabaab continuam como os grupos mais letais em suas respectivas sub-regiões e seus ataques concentram-se em um maior espaço geográfico. O fenômeno do terrorismo continuará a afetar o continente africano, direta ou indiretamente, através da violência indiscriminada, migração forçada e métodos transnacionais de crime organizado.

Recomendações

- Governos na região devem identificar os principais territórios de conflito para concentrar seus esforços e todos os recursos necessários nessas áreas, a fim de combater o recrutamento a tais grupos;
- Programas de desenvolvimento local devem ser implementados para impedir o recrutamento;
- É preciso encorajar uma maior integração dos jovens a empregos sustentáveis, a fim de afastá-los do processo de radicalização e recrutamento;
- É preciso redobrar esforços de inteligência para reagir a atos terroristas;
- Aumento nos níveis de coordenação entre agências de segurança nacional, após as experiências da Força-Tarefa Conjunta Multinacional nas áreas ao redor do Lago Chade, para fortalecer ações de segurança transfronteiriças, via acordos recíprocos;
- Incorporação de organizações da sociedade civil no combate ao terrorismo;
- Fortalecimento dos mecanismos financeiros para identificar e combater lavagem de dinheiro, transações ilegais e crime organizado, utilizados para financiar redes terroristas;
- Estudo contínuo do terrorismo como fenômeno, para conscientizar o público.

Notas

1. Tais instrumentos são complementados nas seguintes resoluções da Assembleia Geral: (A/RES/49/60, A/RES/51/210 e A/RES/60/288); e do Conselho de Segurança: (S/RES/1267, S/RES/1373, S/RES/1540, S/RES/1566 e S/RES/1624).

Ver: Ações das Nações Unidas contra o terrorismo. Disponível em: <http://www.un.org/spanish/terrorism/strategy-implementation.shtml>

2. Segundo o Human Rights Watch, o Boko Haram sequestrou duas mil meninas e mulheres desde 2009, submetidas a estupro, trabalho forçado e matrimônio. Entretanto, tais estimativas são apenas aproximadas, pois é impossível determiná-las com precisão. Segundo a Fundação para Defesa das Democracias (FDD), desde 2014, houve ao menos 123 casos de atentados suicidas conduzidos por mulheres, relacionados ao Boko Haram, a maioria sob coação.

Ver: The women of Boko Haram: Driven to extremism. Disponível em: <http://www.dw.com/en/the-women-of-boko-haram-driven-to-extremism/04>

3. Um relatório do Fundo da Infância das Nações Unidas (Unicef) indica que o número de crianças utilizadas como “homens-bomba” pelo Boko Haram aumentou entre 2014 e 2015. Até fevereiro de 2016, 19% dos atentados a bomba foram executados por crianças, além de 18% conduzidos por mulheres. O relatório também aborda os problemas enfrentados pelas mulheres, abduzidas, estupradas e forçadas a se casar com combatentes. Tais mulheres são então rejeitadas por suas comunidades, ao tentar retornar a seu cotidiano. (Duvillier, 2016, p. 2, 3-4).

4. Segundo a Unicef, o número de crianças utilizadas nos atentados a bomba do Boko Haram de fato continua aumentando. No primeiro trimestre de 2017, o número triplicou em relação ao mesmo período do ano anterior, quando 27 crianças morreram, segundo Marie-Pierre Poirier, diretora regional da Unicef para a África Central e Ocidental. Durante os últimos três anos, um total de 117 crianças foram empregadas para conduzir ataques suicidas na bacia do Lago Chade. Cerca de 80% dos atentados foram executados por meninas s. (Cubadebate, 2017, p.1)

5. A partir de 2015, o Boko Haram adotou a alcunha de Estado Islâmico na África Ocidental. Em agosto do ano seguinte, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante nomeou Abu Musab al-Barnawi como novo “wali” do grupo, no lugar de Abubakar Shekau. A medida criou uma profunda divisão interna sobre a questão da liderança e duas facções antagônicas então emergiram.

6. Segundo um relatório apresentado ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, as duas principais facções do Boko Haram enfrentam graves dificuldades financeiras e não conseguem “remunerar” seus combatentes. A maioria dos ataques recentes foi motivada pela necessidade de obter itens de abastecimento, incluindo alimentos. O relatório observa que o grupo como um todo enfrenta uma severa crise financeira. Ver: Gaffey. C. (2017). Boko Haram Factions ‘Cannot Pay Fighters’ Salaries: UN.

7. O Exército da Nigéria lançou a Operação Corredor Seguro com o objetivo de permitir a militantes arrependidos do Boko Haram a participar de programas de reabilitação em campos estabelecidos para supostamente reintegrá-los à sociedade. Ver: Gaffey C. (2016). Boko Haram: 2,000 Captives Freed by Regional Force as Nigeria Launches Rehabilitation Programme.

8. As Forças Armadas da Nigéria aumentaram sua presença na Floresta de Sambisa, no estado de Borno; a área é dominada pelas tropas federais desde dezembro de 2016.

9. Exércitos nacionais continuam a obter êxitos sucessivos. Um dos exemplos é a derrota do Boko Haram em abril de 2017, pelas Forças Armadas do Níger, na província meridional de Diffa, na fronteira nigeriana; na ocasião, 57 membros do Boko Haram foram eliminados e um grande parque militar foi capturado. O Ministério da Defesa parabenizou as agências de segurança. Ver: Sridharan. V (2017). Niger forces kill dozens of Boko Haram Islamists in counteroffensive.

10. Em 25 de outubro de 2015, Abdiqadir Mumin, um dos “líderes espirituais” do al-Shabaab, deixou a organização para jurar aliança ao Estado Islâmico. Sua nova facção mantém seu centro operacional nas montanhas de Galgala,

nordeste da Somália, fora da tradicional zona de influência do al-Shabaab. Em abril de 2016, o grupo formalizou suas atividades sob a alcunha de Jahba da África Oriental; em outubro, executou seu primeiro atentado de larga escala, em Qandala, cidade portuária na região de Puntland. Ver: Reid. G. (2017). *Militants Rising: Islamic State's East African Ambitions*.

11. O sheikh Hussein Abdi Gedi foi um comandante de longa data do al-Shabaab e “governador” do estado de Baixo Juba; foi executado após tentar recrutar membros do al-Shabaab para formar uma nova milícia pró-Estado Islâmico, na área de Kismayo. Ver: Platt. S. (2017). *Al-Shabaab update: February 2017*.

12. Segundo dados da AMISOM, diversos líderes do al-Shabaab foram eliminados. Ver: Reuters. (2016). *AU mission says several Al-Shabaab commanders killed in Somalia*.

13. Um dos líderes do al-Shabaab, Hussein Mukhtar, rendeu-se ao Exército Nacional da Somália na cidade de Baidoa, em março de 2017. Ver: Agutu. N. (2017). *Al-Shabaab top leader Hussein Mukhtar surrenders to Somali army*.

14. Desertores são um dos principais alvos do al-Shabaab, que utiliza toda sua rede de informantes para localizar e eliminar aqueles que deixaram o grupo, mesmo aqueles que conseguiram se estabelecer em áreas controladas pela AMISOM e pelo governo.

15. A última eleição presidencial na Somália ocorreu em novembro de 2016 e fevereiro de 2017, quando o parlamento de 328 membros escolheu o ex-premiê Mohamed Abdullahi Farmajo como novo presidente do país. Farmajo conquistou a presidência com 184 votos favoráveis; seu adversário, Hassan Sheikh Mohamud, então presidente desde 2012, recebeu 97 votos. Ver: Nor. O., Sevenzo, F., & Masters, J. (2017). *Mohamed Abdullahi Farmajo elected Somalia's president*.

16. 50% dos desertores do al-Shabaab declararam ter se juntado ao grupo por razões econômicas. Ver: *South and Central Somalia Security Situation, Al-Shabaab Presence, and Target Groups*. Ob. cit., p. 20.

17. Agência de Notícias Shahada é o nome dado ao serviço de imprensa pertencente ao al-Shabaab, através do qual transmitem suas declarações à grande mídia.

18. Ao longo de 2017 — até o mês de abril — cerca de 337 pessoas foram mortas ou feridas como resultado de 87 incidentes explosivos. O número de vítimas civis aumentou em 50% desde 2015. Ver: *Somalia: 337 civilians killed and injured in Al-Shabaab attacks in 2017* (2017).

19. Em abril de 2017, o governo queniano foi forçado a decretar toque de recolher até 28 de junho na região de Mandera, dentro de um raio de 20 quilômetros em torno da fronteira com a Somália, incluindo as cidades de Mandera, Omar Jillo, Arabia, Fino, Lafey Kotulo e Elwak. Ver: *Somalia: Kenya Extends Curfew in Border Over Al-Shabaab Attacks* (2017).

20. O al-Shabaab executa uma forte ofensiva na região centro-sul do país desde meados de 2016, que culminou na retirada parcial de tropas etíopes de diversas cidades. Não há qualquer demarcação clara sobre quais áreas permanecem sob controle do al-Shabaab e de milícias tribais. Certas áreas são dominadas por mais de uma organização. O al-Shabaab controla também as principais rotas de abastecimento ao cobrar impostos e taxas em pontos militares. Ver: *South and Central Somalia Security Situation, Al-Shabaab Presence, and Target Groups*. Ob. cit., p. 6.

21. O número de vítimas civis do Boko Haram caiu de 11.519 em 2015 a 3.455 em 2016. No primeiro semestre de 2017, o número de vítimas do Boko Haram e al-Shabaab caiu 29%. Na primeira metade de 2017, não obstante, havia 1.831 vítimas deixadas por ataques al-Shabaab. Ver: *Africa Center for Strategic Studies* (2017). *Setbacks and Realignment: The Continuing Evolution of Militant Islamist Groups in Africa*.

Referências bibliográficas

Africa Centre for Strategic Studies. (2017). Setbacks and Realignment: The Continuing Evolution of Militant Islamist Groups in Africa. Disponível em: <http://africacenter.org/6184F541A6/FinalDownload/DownloadId-1A6/wp-content/uploads/2017/07/Africas-militant-islamic-groups-asof-jun2017.pdf>

Agutu, N. (2017). Al-Shabaab top leader Hussein Mukhtar surrenders to Somali army. Disponível em: http://www.the-star.co.ke/news/2017/03/08/al-shabaab-top-leader-hussein-mukhtar-surrendersto-somali-army_c1520634

All Africa. (2017). Somalia: 337 civilians killed and injured in Al-Shabaab attacks in 2017. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201704130254.html>

All Africa. (2017). Somalia: Kenya extends curfew in border over Al-Shabaab attacks. April 17, 2017. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201703290493.html>

Amin, Samir. Mali. February 4, 2013. Disponível em: <http://newsclick.in/international/mali-analysis-samir-amin>

Associated Press. (2017). Al-Shabaab vows 'doubled response' to US move in Somalia. Disponível em: <http://www.foxnews.com/world/2017/04/12/al-shabab-vows-doubled-response-to-us-move-in-somalia.html>

BBC. (2017). Al-Shabaab fighters attack Kenya military base in Somalia. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-38768453>

Beri, R. (2017). Rise of Terrorism in Africa. Disponível em: http://www.idsa.in/idsacomments/rise-of-terror-in-africa_rberi_130417

Castien Maestro, I. (2017). Problemas de la modernización en el mundo árabe contemporáneo. Disponível em: http://www.belt.es/expertos/HOME2_experto.id=5472

CIDOB. (2016). ¿Es eficaz el terrorismo? debate teórico y estudios de caso. Disponível em: www.cidob.org

Cochi, M. (2016). A new jihadist group pro-ISIS challenge Al-Shabaab. Disponível em: <http://eastwest.eu/en/sub-saharan-monitor/a-new-jihadist-group-pro-isis-challenge-al-shabaab>

Colegio de Defensa Nacional. (2019). Un enfoque metodológico para el diseño de estrategias en asuntos de seguridad nacional. La Habana, Cuba.

Cubadebate. (2017). UNICEF informa que el grupo Boko Haram utiliza cada vez más niños como atacantes suicidas. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/04/12/unicef-informa-que-grupo-boko-haram-utiliza-cada-vez-mas-ninos-como-atacantes-suicidas/#.WO5PYm6H1t>

Cummings, R. (2017). Africa's 2017 Terrorism Outlook. Disponível em: <http://www.religionandgeopolitics.org/sub-saharan-africa/2017-terrorism-outlook>

Cummings, R. (2017). Africa's 2017 Terrorism Outlook. Disponível em: www.religionandgeopolitics.org/sub-saharan-africa/africas-2017-terrorism-outlook

Serviço de Imigração da Dinamarca. (2017). South and central Somalia security situation, Al-Shabaab presence, and target groups. Disponível em: www.nyidanmark.dk/NR/rdonlyres/57D4C/0/South_and_Central_Somalia_Report_March_2017.pdf

Duvillier, L. (2016). Beyond Chibok: Over 1.3 million children uprooted by Boko Haram violence. Disponível em: www.unicef.org/infobycountry/files/Beyond_Chibok.pdf

Filiu, Jean Pierre (2012). Could Al-Qaeda turn Africa in the Sahel? Disponível em: http://carnegieendowment.org/files/al_qaeda_sahel.pdf

Furuhashi, Yoshie (2012) AQIM after Libya: The "Africanisation" of Al-Qaeda? Disponível em: <http://lists.fahamu.org/pipermail/debate-list/2012-April/028364.html>

Gaffey, C. (2016). Boko Haram: 2,000 captives freed by regional force as Nigeria launches rehabilitation programme. Disponível em: <http://www.newsweek.com/boko-haram-2000-captivesfreed-regional-force-nigeria-launches-rehabilitation-444457>

Gaffey, C. (2017). Boko Haram factions 'cannot pay fighters' salaries: UN report. Disponível em: <http://www.newsweek.com/boko-haram-isis-nigeria-554112>

Goldbaum, C. (2017). Somalia lurches from chaos to first democratic rule in decades. Disponível em: <http://www.usatoday.com/story/news/world/2017/01/15/somalia-lurches-chaos-first-democraticrule-decades/95593332/>

Guled, A. (2016). Somalia delays presidential election by a month amid worries. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/africa/somalia-delays-its-presidential-election-by-amonh/2016/09/27/31d68328-84a8-11e6-b57d-dd49277af02f_story.html

Gulf of Aden Security Review. (2017). Disponível em: <https://www.criticalthreats.org/briefs/gulf-ofaden-security-review/gulf-of-aden-security-review-february-27-2017>

Institute for Economics and Peace. (2016). Global Terrorism Index 2015. Disponível em: <http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2015/11/Global-Terrorism-Index-2015.pdf>

Institute for Economics and Peace. (2017). Global Terrorismo Index 2016. Disponível em: www.economincsandpeace.org

Instituto Español de Estudios Estratégicos (2016). La Internacional Yihadista.

Kriel, R., & Briana D. (2017). Al-Shabaab faction pledges allegiance to ISIS. Disponível em: <http://www.brproud.com/news/alshabaab-faction-pledges-allegiance-to-isis/27765>

Matfess, H. (2016). Boko Haram's internal rift probably isn't good news. Here's why. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/08/24/boko-harams-internal-riftprobably-isnt-good-news-heres-whyts>

Meservey, J. (2017). As ISIS struggles for influence in Somalia, Al-Shabaab remains the main threat. Disponível em: <http://www.worldpoliticsreview.com/articles/20887/as-isis-struggles-forinfluence-in-somalia-al-shabab-remains-the-main-threat>

Mora Tebas, J. A. (2017). Análisis sobre el terrorismo en el Sahel (África Occidental). Nuevas tácticas y alianzas.

Nor, O., Sevenzo, F., & Masters, J. Mohamed Abdullahi Farmajo elected Somalia's president. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/02/08/africa/mohamed-abdullahi-farmajo-somaliaelection/>

Oumar, Jemal and Bakari Gueye (2013). Al-Qaeda in Maghreb near collapse. Disponível em: http://magharebia.com/en_GB/articles/awi/reportage/2013/03/15/reportage-01

Pestano, A. V. (2016). Nigerian army expects last Boko Haram strongholds to fall in weeks. Disponível em: https://www.upi.com/Top_News/World-News/2016/09/01/Nigerian-army-expectslast-Boko-Haram-strongholds-to-fall-in-weeks/2551472728811/

Platt, S. (2017). Al-Shabaab update: February 2017. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/al-shabaab-update-february-2017-steven-platt>

Protocol of the OAU Convention on the prevention and combating terrorism. Third Ordinary Session of the Assembly of the African Union, Addis Ababa, 8 de Julio de 2014, p. 2. Disponível em: https://au.int/treaty_protocol_oau_convention_prevention_combating_terrorism.pdf

Rad-Cliff, Elsie Plain. “El terrorismo internacional y sus diversas interpretaciones. Una aproximación al tema desde un enfoque tercermundista”. En: Thalia Fung. El mundo contemporáneo en crisis. Editorial Félix Varela, La Habana, 2011, p. 101 – 115.

Rahman, A. (2017). Days after war declaration: Somali president wants talks with Al-Shabaab. Disponível em: <http://www.africanews.com/2017/04/12/days-after-war-declaration-somali-presidentwants-talks-with-al-shabaab/>

Reid, G. (2017). Militants rising: Islamic State’s East African ambitions. Disponível em: <https://www.dailymaverick.co.za/article/2017-01-10-militants-rising-islamic-states-east-african-ambitions/>

Reuters. (2016). AU mission says several Al-Shabaab commanders killed in Somalia. Disponível em: <https://www.reuters.com/news/picture/au-mission-says-several-al-shabaab-comma-idUSKCN0X21JF>

Reuters. (2017). ISIS claims responsibility for deadly Somalia hotel attack. Disponível em: <http://nypost.com/2017/02/08/isis-claims-responsibility-for-deadly-somalia-hotel-attack/>

Sordo Estella, L. M. (2016). Psicología del Terrorismo: breve apunte. 2016. Disponível em: <http://revista.ieee.es/index.php/ieee/article/download/280/447>

Sridharan, V. (2017). Niger forces kill dozens of Boko Haram Islamists in counteroffensive. Disponível em: www.yahoo.com/news/niger-forces-kill-dozens-boko-043838723.html

Watkinson, W. (2016). Khalid al-Barnawi leader of jihadist Boko Haram splinter group Ansaru arrested in Nigeria. Disponível em: <http://www.ibtimes.co.uk/khalid-al-barnawi-leader-jihadist-bokoharam-splinter-group-ansar-arrested-nigeria-155293oous>

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)